

**Contos de Thiago Xavier \*****Nota**

A mancha de sangue cobria a marca d'água da Nota. O vento no morro vinha acompanhado do cheiro revoltoso de pneu queimado. O Senhor Analfabeto da Favela entregava ao seu Formado Servo a Nota entre tantas. - Mas esta está suja de sangue! Disse o Servo. - E qual não está?! Indagou o Senhor. A lei mais uma vez havia sido vendida. O certo logo se tornara errado.

Acelerava. Rápido da conta, soube em poucos segundos, que poderia trocar o carro em um mais luxuoso. O volante o guiava refazendo sua vida. De início, uma linha reta. Depois seguiu os outros e entrou no engarrafamento. E como todos, passou a freqüentar curvas mais fechadas. Em busca do poder ao final.

Mudar de lado? Não! Mudar para o seu lado! Era assim o homem da Lei. Seja lá de que lei estamos falando, agia há muitos anos. Não era o certo pelo duvidoso, era o certo pelo errado. Lógica fácil. O certo está errado e o errado está certo. Com dinheiro dá pra se mudar o pilar do raciocínio humano.

Enquanto devaneamos, o Servo feliz acelerou mais do que devia. O vento entrou no veículo, e antes de mais nada, fez voar a Nota manchada. As mãos nervosas ao volante tentavam em vão guiar o carro e capturar parte do prêmio. A Nota, prevendo um desastre fugiu com o vento, passou fácil pela janela e viu de cima o fim. Foi tudo muito rápido! Diziam vozes espantadas, que encaravam o amontoado de ferro, sangue e parede.

A coluna havia partido ao meio, não a cimentada, mas a óssea. Padecia com o rosto contemplando um pesadelo, assim parecia, pelo horror facial que demonstrava.

Planando, inerte aos acontecimentos. Pousou em um lamacento bueiro. O sangue se esvaiu. A nota era lavada pela lama menos suja.

Chorava copiosamente o Bancário. Era ridículo. Quase dois de altura. De pelos na face. Gravata no colarinho a lacrimejar pelo asfalto quando pisou no chiclete. A pasta que carregava era parte de seu corpo. Estava comprimida entre o peito. A abraçava com medo que se fosse. Era a única lembrança que levaria do banco onde trabalhava. Até o crachá fora devolvido. Ele havia sido substituído por um programa qualquer de computador.

- E agora meu Deus? O que vou fazer? Acendeu um cigarro. Mal sabia que um câncer estava prestes a se formar na tragada angustiante. Mais uma e o maligno brotaria. Pensou. Quantas pessoas no mundo não estariam fazendo a mesma pergunta às suas divindades, frente ao desespero do desemprego? Enquanto aguardava a resposta que não viria, o chiclete na sola do sapato seqüestrou a Nota. O carro com prestações a vencer esperava no estacionamento rotativo. Pagou com o troco do almoço.

No próximo quarteirão, caminhando entre faixas brancas, a bota melada de estrume fazia um calo no dedo. Já estava cheio das homenagens esculhambatórias prestadas a sua mãe por motoristas abordados, o pior, era que quando pensava no seu trabalho diário, no salário e na vida, ele mesmo esculhambava-se. E decidido, esperou alguém para devolver o sofrimento diário.

A calma não vinha. Longas filas de carro à frente. A paciência se foi antes do primeiro sinal. Em contramão, levaria a vida assim. Queria chegar em casa e encher a cara. Antes de continuar a direção errônea, o apito soou. De súbito o freio. Tornou ao normal. Era um cidadão de bem com as normalidades mundanas. Sabia que estava errado. Viria uma multa grande para completar o belo dia. O Guarda o encarou. Em ternas palavras disse: - De duas uma! Ou a gente se ajeita por aqui, como bons amigos, ou te ferro, de um jeito, que só em outra vida você conseguirá tirar a habilitação!

O primeiro sentimento frente as corruptas palavras guardou pra si. Abriu a carteira, 30 paus. Só tenho isso! Mas posso passar um cheque!

O guarda riu. Riu como não ria há tempos. Era chegada a hora da vingança.

---Um engravatado! Tudo que pedi aos céus!

30 é merreca! E cheque não aceito!

Antes de começar a se amaldiçoar, puxou um cigarro. Acendeu. A tragada angustiante estava próxima. O câncer viria, como fora anunciado. Porém, ao levá-lo aos lábios, uma buzina soou. Trêmulo. Assustado. Revoltado. O cigarro foi ao chão. A brasa trouxe luz à escuridão. Perto do pedal do acelerador, melada de lama e chiclete estava a Nota. O câncer, por enquanto, aguardava.

Uma mistura de alegria e tristeza. O carro já ia rua acima quando o guarda guardou a nota.

Bom dinheiro! Disse olhando para o sinal. Mas eu teria adorado multar o engravatado.

Sorria, como havia sido ensinada. Da sua boca, deve emergir: inocência e sensualidade. - É assim que os homens gostam. Ensinou a acadêmica prostituta. No jardim de infância aprendia-se rápido. O Guarda já estava de olho na jovem menina-mulher. Desculpem! Mulher-menina. Para ser mais preciso.

Largou o trânsito de fim de tarde em meio ao caos. Decidido. Passo firme. Quase uma marcha. - Ela vai ser minha! A mão no bolso acariciava a nota. Entre dedos a transpôs.

- Oi tio! Ta querendo namorar? Perguntou a voz adolescente inocentemente indecente.

O dia ruim haveria de lhe dar boa noite, antes do pôr do sol.

- Pagamento adiantado, tio!

O tio sem palavras, mas com mil pensamentos entregava a Nota. O sorriso que nascia de repente murchou.

Mais uma vez ele soprava. Forte. Destemido. Um fenômeno natural. Cheio da natureza humana. Suspiros de rancor. Assopros de êxtase. Formavam o vento que chegava.

A Nota transformara-se em uma vela. E querendo navegar, partiu junto ao vento, para marés menos turvas.

- Que pena Tio! Disse a mulher-menina antes de ir.

E o Guarda mais uma vez se esculhambou: - Sou mesmo um filho da puta!

Ele era conhecido, podem chamá-lo de Estatística: mais um número desafortunado do desgraçado país.

Nome longo para quem só respondia por José. Na grande cidade, era parte da paisagem. Como o coco do pombo nas praças. A lata de lixo ali. O negro céu em nuvens de gás. E a desafinada sinfonia dos ruídos industriais. Olhar para ele era não ver alguém, mas, algo. Uma coisa. Um troço. Um destroço. Que estava ali para completar a visão normal da cidade. Você certamente o daria mais anos do que ele merece. Temeraria ao encarar sua boca desdentada. Suas rugas desalmadas. Seus olhos moribundos. Sua rouquidão amarga. Sua língua torta e de difícil compreensão. Se quiser vê-lo de longe, ligue a TV, um canal sensacionalista, cansado de mostrar gente se matando, procura agora lhe mostrar aqueles que comem o morto podre. Mostrará um José, catando a pútrida comida no lixo. Ela não mostrará, que seus filhos em casa choram de fome. Não tiveram a justa idéia de mostrar o quanto aquele homem, em um passado distante, e cheio de esperança havia lutado em volta dos classificados de papel em busca de algo legítimo para sustentação. Porém não esquecerá, é claro, de focalizar as feridas em suas pernas, o suor cansado e desesperador se brotar em grandes gotas e o vislumbre angustiante de seus olhos quando ele vir um urubu se dar melhor do que ele em meio a caçada na carniça.

As câmeras já estavam desligadas. O equipamento era guardado. A repórter se maquiava para a próxima matéria. A equipe da TV reclamava do cheiro, quando o vento chegou.

Veio límpido, expulsava para longe a podridão. Os urubus, de repente, migraram para longe. O vento fez José pular feito menino. A Nota na mão.

O câmera quis filmar. A repórter, com sua experiência débil e profissional. Disse: - Filma não. Iria estragar o final infeliz!

## **Epílogo**

Se sentir as gotas de um suor honesto escorrer em suas faces e um vento justo o colidir, olhe em volta, ela pode estar esperando você.

## **Nostalgia dos Sentidos**

Que vista. O grande portão verde nos recebia de braços abertos. O homem da garrafinha e do picolé ganhava seu trocado. Uma enorme árvore, da qual não lembro o nome, despejava sombra e folhas pelo pátio. As salas de aula e seus grandes ventiladores, alvos de petecas, matavam o calor. O sábio e amedrontável quadro negro flertava-nos orgulhoso pelos que ajudou a formar. O olhar aconselhável e amoroso do gordo inspetor nos colocava no nosso devido lugar.

Todas as idades circulavam por um mundo que prometia um futuro. O sol ofuscava os olhos enquanto enfileirados cantávamos o hino nacional encarando a Diretora. Seria injusto transforma-la em uma bruxa como nas fábulas que imaginamos. Circulava pomposa e atenta. Culpando os culpados. Inocentando os inocentes e amando a todos.

O cheiro. No começo do ano letivo, a tinta das paredes recém pintadas logo ganhava pegadas de tênis e riscos inocentes dos lápis de cera. As chuvas de verão ao baterem no chão quente levantavam um mormaço que invadia os pulmões, dando-nos vontade de brincar entre as gotas que caíam do céu. O giz, munição predileta dos travessos, fazia alguns espirrarem de alergia. O livro novinho ao ser aberto emanava um perfume de alerta: - Cuide de mim que eu cuido de você! Ainda sinto um friozinho na barriga de medo e ansiedade ao recordar o cheiro de álcool nas provas.

Foge-me seu nome, mas, era uma mulher que, com mão de ferro e um meio sorriso comandava a cantina. O pastel frito, feito na hora, de aguçar o paladar, ajudava a fase de crescimento de centenas de alunos. No fim do recreio as gotas de um suor feliz se misturavam à água saborosa e renovadora do bebedor.

Dói, não vou mentir. Sinto falta dos apertos de mão secretos, sinceros e inocentes dos velhos amigos de apelidos curiosos. Companheiros que compartilhavam dos mesmos e imensos problemas: a prova de amanhã e o sofrer do primeiro amor. Das figurinhas e da brincadeira de bafo. As bolas de gude que tilintavam no meu jeans quando corria pelos longos corredores. Bolas de papel. Traves de tênis. Craques sonhadores. As mãos ao encontrarem o alto do muro. Os pés ao encontrarem o solo. E as pernas nervosas em disparada, sem esquecer é claro, dos batimentos acelerados em plena fuga. O ato de gazeamento, também conhecido como cabular aula era sublime. Tudo porque sabíamos que logo poderíamos voltar.

Nem todos eram queridos, às vezes, até temidos. Muitos eram vítimas das travessuras infantis. Mas, aqueles que, ao fim do dia, mesmo sem voz de tanto gritar, mesmo depois de terem tido a milagrosa paciência de explicar o mesmo assunto varias vezes a vários alunos em varias salas, e iam para casa de alma lavada e felizes por serem professores, eram, sem dúvida, os mais queridos.

As lembranças parecem sacolejar meu coração. E por força maior da minha mente, as memórias de uma época começam a evaporar. As aventuras vividas já não são lembradas devidamente. Personagens da mesma história vão sucumbindo através dos tempos pelo triste esquecimento.

Os toques da sineta. Só dois deles nos alegravam. O do inicio do intervalo e o do fim de mais um dia de aula. Mas, o que agora me soa auto, é aquele, o mais importante, o que nos chamava para dentro de um refúgio onde podíamos talhar o nosso futuro. Era o som de: - Entrem vai começar a aula! Uma aula para a vida toda!

## **Invariavelmente Apaixonado**

A decepção parece transfigurar o rosto. Tristemente faz com que a face desloque-se para as entranhas da alma a procura de um entendimento que provavelmente virá. De

súbito, tudo parece voltar ao normal, porém, a visão do vê para crê conduzem os amargos ventos que habitam a memória. - Então é assim? É assim que a gente se sente quando desacredita no amor? E o triste vagar por essas lembranças ainda irão durar. Em lentos pensamentos.

Era com esse ritmo que ele caminhava. Lento... As gotas pesadas da chuva de inverno incomodavam sua coluna. Os sapatos encharcados levantavam pausadamente a cada pisar. Esbarrões. - Me desculpe! A frase feita já começava a sair antes das colisões com aqueles que em vindas e idas o ultrapassavam. - Me desculpe!... Esbarrões.

As nuvens cinzas a combinarem com uma calçada descalçada em declive que o homem em declínio descia entre lamas e buracos. O coração sofrido pingava as últimas emoções. O ponto final. Não, não é o fim da vida. É onde espera o ônibus que o levará para casa.

É bom ir para casa! Negativo, a quem estou enganando? Desloco-me para onde tristes lembranças não visitam, mas moram. A solidão não me é em espécie alguma um estado de espírito. A melancolia toma café com bolo na minha sala de estar. É, sem dúvida, mais um caso de amor. Melhor dizendo... Falta de amor. Me chamam de Joca, eu sei, é meio boboca. Também sei que rima. Droga! Fazer o quê? Não vou perder tempo relatando como tudo aconteceu. Primeiro um parágrafo contará quando a vi pela primeira vez. Depois um outro contará nosso último diálogo.

Livre. Entre céus azuis, onde o sol encandeia e não ofusca os olhos. As mãos soltas, desimpedidas, em busca do novo. O sorriso rasgado não cabe no rosto. Seus negros cabelos esvoaçavam majestosamente no ar. Ela não andava, levitava. De uma beleza enrubescedora.

Seus olhos pareciam querer cegar. Aproximava-se. Já podia sentir seu cheiro. Sabia que estava perdido. Sorri sozinho. Olhou-me sem querer querendo. Jogava charme. A auto-estima da juventude me moveu. Segurando seus braços não me contive. Seu hálito perfumado. Poucas palavras.

Ela – Ta louco?

Eu – Por você!

Ela – Me solta!

Eu – Nunca!

O silêncio apodera-se de nós. Os hormônios pedem passagem.

O toque dos lábios enche-nos, não de incerteza, mas sim de uma verdade: a descoberta de um novo amor. Não longe, mais perto. Bem perto.

Distante é o tempo. O amor antes cego, agora seca. O flagrante não é só o ver. É também o sentir. Os sentimentos escondidos e disfarçados se revelam, mostrando suas verdadeiras identidades. No fim o traído é o amor verdadeiro. Não o universal, mas o egoísta que nos habita. Que cospe a palavra do mais baixo calão: eu te amo. Palavras que, quando ditas na pura mentira são mais sujas do que as sinceras "eu te odeio".

A sinceridade parece fluir depois da descoberta da verdade.

- Eu já sei de tudo.

- E daí Joca? Pelo menos você não foi o último, a saber.

- E agora o que eu faço?

- Geralmente quando isso acontece se sai para beber. É também de praxe contar ao garçom tudo que aconteceu.

- Mais ele vai rir de mim?!

Provavelmente sim, mas não se preocupe, não vai ser na sua frente. Não sei Joca. Eu achava que amava você. Mas, não sinto nem pena. Sou uma mulher egoísta. O que posso dizer é que hoje é mais fácil odiá-lo do que o amá-lo. Desculpe-me pelas palavras, mas é a amarga verdade.

Parece que foi ontem. Na verdade foi ontem. Agora me vejo olhando a porta, a espera de que o trinco gire, que a traidora entre, peça perdão e me beije como antes.

Num piscar de olhos não parece mais que foi ontem. Realmente não foi ontem, já faz uma semana. Porém ainda paraliso minha vista na entrada da casa. Não tenho amor próprio, eu sei. Ela me trai. Abandona-me. E eu aqui esperando que ela volte. A situação começa a ficar preocupante.

Mesmo os excluídos, abandonados, covardes e dramáticos precisam de comida. O sol fura meus olhos enquanto coço a barba. A mercearia da esquina parece longe. Uma motorista atropela um gato. Não o mata, mais o pobre bichinho sai mancando. Ótimo! Começo a pensar nela de novo. Lembro do último diálogo. "Geralmente quando isso acontece se sai para beber. É também de praxe contar ao garçom tudo que aconteceu".

O bar está mais perto do que a mercearia. Sem me ligar em detalhes do ambiente, me vejo agora frente ao balcão. Uma música sertaneja, certamente de alguma dupla internacionalmente desconhecida desanima o lugar.

Uma gelada, por favor! Minha mente já vem meio abalada. Acredito que tenha adquirido um tique nervoso no olho direito, deve ter sido de tanto abrir e fechar em direção à porta, com esses piscares apavorados a espera dela.

Para espanto e desespero, quem me atende não é um garçom e sim uma garçonete. Nem percebo seus olhos verdes me encarando. Só penso em desabafar. Mas, se não sabia se teria coragem de contar a um homem minha infelicidade amorosa, não seria ao sexo oposto que revelaria o transtorno desamável que venho passando. Por outro lado, estava disposto.

Só saí de lá depois da décima cerveja e da quinta cachaça. Cabisbaixo volto para a gruta do amor não correspondido. O saldo positivo? Bêbado, esqueci a porta e a droga do trinco, desmaiei na entrada da casa.

Santo remédio, algumas horas sem pensar na miserável. Volto para o meu céu. - Me da uma cerveja! Reluzentes olhos verdes, um sorriso branco cor de cal. A garçonete novamente me encara. Encho a lata. Não tanto quanto ontem. Consegui dormir na cama.

Bem, não são só os olhos de uma beleza inebriante. Seus cabelos loiros presos por uma fita parecem ser enraizados com o sol. Brilham e acalentam a vista. Um brilho que aumenta gradativamente quando ela sorri. A cerveja quente paira na mesa. Volto a dormir mal. Pesadelos com fios dourados a me perseguirem e globos verdes e inquisidores. Mas, no fim um sorriso branco me salva.

- Me da um refrigerante! Preciso estar sóbrio para entender o que está acontecendo.

Seus dedos dos pés são de uma perfeita simetria. No tornozelo uma corrente dourada enfeita o que não precisa de enfeite. A saia esconde o restante das deslumbrantes pernas. O corpo talhado pelos deuses baila na minha frente. Suas mãos graciosamente servem o refrigerante. É fato, estou apaixonado. Perdido. Não sinto as pernas. Ela me encara. Medo. Ela vem vindo ao meu encontro. Meu estômago e os corantes fazem um cocktail ao revirarem para cima e para baixo a cada passar da garçonete. Minha confiança de antes foi assassinada pelo desgosto.

Uma voz doce e duvidosa me encanta e me atrai. - Hei, estranho, por que não para de piscar o olho para mim, me diz seu nome e me chama para sair? Parece um boboca!

Perplexo, a única coisa de que lembro é da fita que prendia seu cabelo soltar de vergonha enquanto nos beijávamos. Um amor não duvidoso parecia brotar.

Não dá pra segurar. Quando se está feliz, somos servos de um coração em forma de maçã do amor. Doce. Meloso. Maravilhoso. Não contemos nem queremos nos conter. Então é assim! É assim que se sente quando voltamos a acreditar no amor!

### **A rosa murcha**

A rosa murcha padecia sobre o travesseiro de seda. Um longo fio de cabelo dourado o fez acreditar na mágica noite anterior. O cartão dobrado esperava os olhos do homem em deleite.

Simpático, muito simpático. Algum ocioso mental determinou que quando uma garota acha um rapaz simpático, na verdade ela o acha feio, muito feio mesmo.

Independente da teoria acima, Jota não se achava bonito. E todas as mulheres que o conheciam o achavam simpático.

O sol sorri para todos. A lua também. Porque foi nas sombras boêmias que a sorte apareceu.

Em um bar de metrópole, com cheiro de fumaça de ônibus, onde não se vendia fiado. Sentado em uma mesa rangente, um copo americano recheado da mais deliciosa cerveja. Gostava de frequentar lugares onde não se sentisse constrangido ao olhar as faces dos presentes. Boates badaladas? Raves? Shows? Nunca. Só de pensar tinha náuseas. Se sua consciência afirmava que de belo ele nada tinha, bem acompanhado estava.

Amargura. Tristeza. Decadência. Eram os trajes da moda no bar fétido onde estava.

Longos eram seus cabelos. Carnudos eram seus lábios. Os seios pedindo para serem soltos da apertada prisão. O mítico vestido vermelho ludibriando a vista. Os mais atentos logo perceberam os pelos dourados nas grossas pernas.

Silêncio profundo. Queixos caídos. Olhos em uma única direção. O dono do botequim tinha certeza que a bela dona estava em busca de informação, perdida talvez. Antes que ele conseguisse falar, ela aproximou-se do balcão e pediu uma dose de conhaque. Os queixos continuavam a cair.

- Quero o conhaque mais forte que tiver! Queixos ao chão. Todos sabiam que aquela não era uma meretriz. O mundo das sombras que compartilhavam, os dava o desprazer de conhecer de cara todos os tipos de infortunados existentes na terra. O rosto da musa era como as nuvens do céu: um sonho. O corpo como as chamas do inferno: ardente. Uma dádiva sinistra.

Todos os presentes estavam radiantes com a aparição da deusa, menos Jota. Seu esconderijo havia sido descoberto. O lugar onde, solitário, podia desencanar suas neurais, fora violado. Depressivo, lembrou logo como era simpático e levantou-se para ir embora.

Simpaticamente pediu a conta ao proprietário. Este não sabia se somava as garrafas de cerveja ou assistia a loura entornar a terceira dose de conhaque.

O tímpano de Jota não estava acostumado a ouvir certos tipos de vozes e frases. Primeiro pensou ter escutado mal, mas quando os olhares dos presentes convergiram para ele, soube muito bem que as palavras destiladas por uma voz rouca e meiga ao mesmo tempo, eram destinadas a sua pessoa. Não desmaiou, mas, quase. Não é todo dia que uma diva mitológica olha pra você e diz: espera um pouco que te deixo em casa... na sua ou na minha!

Sem palavras. Encarava a fantasia olhos nos olhos. Ela levantou o braço e esticou o indicador. Virou dois copos em menos de um minuto. Admirava-o como uma leoa admira sua presa antes de dilacerá-la.

A mão da ninfa segurou levemente o pulso de Jota. O copo de cerveja só não caiu porque todo seu corpo estava congelado. Ela terminou a quinta dose sem manifestar nem um nervosismo com a situação. Levantou-se, pagou a conta de ambos. Antes que Jota tivesse tempo de sussurrar algo, ela o calou com um breve selo.

Leve, levitava enquanto o sonho o levava embora dali. Não sentiu os batentes quebrados do bar. Ela abriu a porta do carro para ele entrar. Que romântico.

Ele não viu as curvas. Ele não viu os sinais. Ele não viu a ponte. Mas, viu o letreiro roxo luminoso do Motel (e soube que não era sua casa nem a dela). Uma luxuosa tenda como as das arábias ornamentava o quarto. Camelos. Dunas. Sol. As pinturas das paredes eram o próprio deserto.

Uma piscina em forma de oásis. Na cama enorme, cetim cobria os lençóis e os travesseiros. Em um prato dourado decorado de eunucos, vários tipos de preservativos aguardavam imparciais a consciência.

Ela disse que preferia a luz acesa. Ele agradeceu intimamente pela sorte, se não visse o que estava acontecendo não acreditaria depois.

O que o imaginário masculino busca em uma mulher estava nua em pelo na frente de Jota.

Ele soube como conduzir, a confiança brotou em seu ser. Os olhos esmeraldinos da loura o encaravam de perto. Gritos, sussurros e gemidos eram compartilhados.

Nem tudo que é bom dura pouco. A noite foi longa e os prazeres se estenderam até ambos serem nocauteados pelo cansaço dos amantes.

As pálpebras demoraram a se libertar, pouco a pouco a claridade chegava e o despertar saboroso o invadiu. Tateou em busca da amada, ela não estava lá.

Uma rosa murcha padecia sobre o travesseiro de seda. Um longo fio de cabelo dourado o fez acreditar na mágica noite anterior. Um cartão dobrado esperava os olhos do homem em deleite.

Apaixonada. Ela só podia estar, deixou uma rosa e um cartão.

Só suas roupas estavam no chão. Ela teve que ir embora. Deve ser uma mulher de sucesso, muito compromissada. Pensou ou melhor, sonhou alto.

Não se interessou muito pela rosa, na verdade a achou estranha. Parecia velha, doente.

O cartão, sim, este ele tinha até receio de abrir. Seria o telefone da deusa com alguns dizeres carinhosos, algo como: *Adorei a noite, você foi ótimo*. Ou tipo: *Não vejo a hora de repetir a dose garanhão*. Entusiasmado com as perspectivas desdobrou cuidadosamente o cartão. Seus olhos rapidamente fizeram a leitura. As pernas bambas o levaram ao chão. Antes de cair tentou se apoiar na mesa. Tudo que estava acima veio ao solo, com um estrondo despertador. O interfone do quarto tocou. O responsável pela segurança ouviu um homem com voz embargada dizer que estava tudo bem, que apenas havia derrubado algo no quarto e garantia que nem um objeto estava quebrado. Aproveitou e perguntou quanto era a conta.

O funcionário disse que já estava tudo pago pela acompanhante. Jota pediu um táxi.

O desequilíbrio emocional o entorpeceu rapidamente. A esperança do verdadeiro amor se partiu na dúbia frase do cartão que lamentavelmente dizia:

Jota,

Para o meu bem e para o seu mal, você foi usado.

Não é nada pessoal, só o achei simpático.

Ass: Rosa Murcha

Ele novamente não viu os caminhos percorridos. A ponte, as curvas, os sinais passaram despercebidos dentro do táxi. Duas possibilidades habitavam o seu ser: a primeira e mais maligna era a de mulheres em desespero que buscam contaminar homens com o vírus HIV, já havia visto casos como estes em programas sensacionalistas. Sabia que não era lenda urbana. A outra, esta mais benigna, era a de que simplesmente havia sido usado sexualmente para vingar um marido traidor ou até mesmo para fazer com que os homens sentissem na pele o que muitas mulheres tradicionalmente passam em uma lúdica eterna noite de amor. Dúvidas e uma única certeza: a droga de saber que todas o achavam simpático.

## **A Vela e o Sonho**

A vela acesa. Olho para ela. Parece bobagem, mas é um símbolo tanto de festa como de tristeza. Pode vir no bolo, cercada de palmas e sorrisos, pode estar em um castiçal em volta de orações e lágrimas.

Ainda não é hora de dizer que luz se destina a clarear meu rosto.

Uma corrida acirrada acontecia: cavalos trotavam nas areias douradas do deserto, belos garanhões negros, arreios de couro na mão. Um belo quintal de areia preta, montados em cabos de vassoura da melhor qualidade, um resistente barbante branco a puxá-las. Eu e meu pai na mais pura criatividade.

Sentado em um tijolo assistia admirado um bicho de asas inanimadas dar cores às belas nuvens brancas em um lindo céu azul de domingo. Meu pai empinava pipa como ninguém.

King Kong. Godzilla. Hercules. Sanção. Golias. Na corcunda do meu herói eu poderia ser qualquer um deles ou até mesmo todos. Quando descia, virava o seu Davi. Ele era alto.

Uma valsa de dar inveja a Casemiro de Abreu e seus poemas. De mãos dadas a girar. Iluminados por chamas, a orquestra a tocar canções do passado. O som do rádio e seus ruídos, uma música antiga do tempo dos namorados. Beijaram-se levemente. Assisti a tudo de camarote. Até o momento em que o cheiro de queimado interrompeu o baile na cozinha. Minha mãe deixou alto demais a chama do fogão. Meu pai sorriu o mais estrondoso dos risos.

Eis que de repente, os alienígenas estavam na moda. Meu pai havia sido abduzido. Seu comportamento estranho refletia a experiência que os marcianos haviam feito nele. Troca de cérebro. Tive certeza ao vê-lo. Os marcianos atacaram novamente. Desta vez foi minha mãe.

Os dois sentados no sofá. Meu pai fumando, minha mãe começou ali. Duas brasas. Grandes tragadas. Fumaças a colidirem. Bocas caladas. Da porta do meu quarto vi aquele filme em preto e branco. "Senhorita Fulana..." (era como minha mãe a chamava na minha frente. É segredo que, atrás da porta da cozinha, cheguei a ouvi-la chamar a tal dona Fulana por nomes que desconhecia, impróprios aos meus ouvidos). Independente do nome era ela a causa da triste cena. A mulher por quem meu pai nos deixou.

Já havíamos visitado a terra do nunca. Fizemos as malas juntos. Tinha de tudo: espadas, cantil, chocolates, carrinhos de madeira, os brincos em forma de pérola da minha mãe. Só não tinha roupa. A mala dele agora tinha.

- Faça de conta que nada disso é verdade! Disse ele. Nunca consegui. As brincadeiras acabaram.

Abriu a porta de casa e partiu, para nunca mais eu vê-lo. Era véspera do meu aniversário.

- Antes de soprar, papai, faça um pedido, é seu aniversário. Meu único filho, neto do desaparecido, trouxe-me de volta ao presente. Deixei para trás a nostalgia familiar, mas antes pedi: que se nesse mundo ele não mais estivesse, a luz o seguisse. E que se, de repente, ainda morasse por aqui, voltasse para mim. Nem que fosse nos meus mais saudosos sonhos.

## O ex dez

Gramas arrancadas e molhadas enfeitavam o meão desfiado. Manchas de sangue no escudo do clube refletiam a batalha campal. O sacolejar da maca o deixou tonto. O cheiro inebriante do éter o ajudou a tornar do mal estar. Os ligamentos da perna atingida se contraíram para que uma dor cortante subisse das caneleiras ao cordão de ouro na nuca. A torcida não era tão grande quanto há anos. A experiência nos gramados lhe dizia: nada grave! Mas é melhor não arriscar.

30 anos de idade. Já era um veterano, olhou pro campo. Só garotos em busca de fama e fortuna, encenavam vontade, uma raça há muito tempo perdida. As camisas já não eram mantos sagrados, mais sim, momentos oportunos. Os garotos esperavam um lampejo de craque invadirem seus músculos, para, na sorte de algum dirigente estrangeiro acreditar está vendo um novo deus do futebol em campo. Por uma merreca qualquer estariam sendo levados para o frio europeu ou o deserto asiático. Ele próprio já sonhou com este destino. Uma assinatura errônea em um pedaço de papel. Infiltrações no pé antes certo. Doping por cocaína. Carreira manchada. Nunca foi pra lugar algum. Não deixou de jogar, porque todos sabiam que em um passado não tão longe, um negro rapaz, de pernas pequenas, franzino, com uma habilidade lúdica, já havia habitado aquela alma maltratada. Em algumas partidas, surtos de grandeza surgiam nas suas chuteiras, era o bastante para virar um jogo perdido ou salvar o time de uma vergonha. Mas, lembrem-se, eram só surtos.

Queria agora juntar um bom dinheiro, a carreira já estava perto do fim, acreditava ter só mais uns dois anos de gramado, se não perdesse de vez a vontade de jogar,

vontade esta que já o vinha assolando há algum tempo. Porém, ia viver de que? Só sabia jogar bola. Adiava a decisão.

Dava pra voltar. Mancou ao pisar na grama molhada. - Vai procurar um asilo! Ouviu nitidamente um torcedor do seu time gritar. - Era realmente o que eu devia fazer! Pensou em voz alta. A camisa dez pesava. Um menino, no máximo de 17 anos, vinha a passos largos em sua direção, a bola presa em seus pés chamavam o veterano pra dançar, um pé firme entre a bola e o calcanhar do moleque foi o bastante para ter a bola a seu favor. Três dedos na redonda, um lançamento perfeito de 20 metros no peito do seu atacante que enfeitou no chute. Perdeu um gol feito, rente a trave. O goleiro voou nela. 0x0. 40 do segundo tempo. Nada demais, se não estivessem lutando para escapar do rebaixamento para a segunda divisão. Palavras de baixo escalão, imortalizadas nos templos do futebol foram dirigidas ao esguio camisa nove pelo gol-feito perdido.

O goleiro adversário se contorcia ao segurar a mão quebrada no vôo cego do chute anterior.

Um senhor austero caminhava pelas arquibancadas vazias, não olhava para o gramado. Sentia vergonha do seu clube de coração. Perdido na nostalgia olhava para o campo lembrando o passado de glórias. O veterano no meio do campo admirava o senhor, enquanto o goleiro era atendido. O torcedor de olhar perdido encarou o camisa dez. Um laço de compreensão se firmou naquele momento. O homem sabia que o veterano estava dando o máximo de si e o velho jogador acreditava na seriedade sofrida nas faces do senhor.

Pensou nos caminhos que o levaram até aquele momento. Tanto sofrimento. Mais erros do que acertos. Pensou na felicidade do gol, a sensação de ver a bola nas redes e os segundos que precedem o acreditar do placar. Não era ídolo e nunca seria, era só uma antiga promessa. Mas não seria com ele em campo que o velho torcedor voltaria pra casa de cabeça baixa, e coração ferido na amargura de sua paixão. Seu time não seria rebaixado.

- Hei, acorda porra! Gritou o jovem técnico empalitozado. A bola passou ao lado dos seus pés. O adversário contra-atacava perigosamente. Por azar ou por ruindade mesmo o time adversário não marcou. Olhou pro lado e viu um moleque, que o lembrava o passado, entrar em seu time, no lugar do camisa nove. Ao sair, o grandalhão só não deu no técnico porque os reservas separaram. O árbitro levantou um dedo pra cima sinalizando o tempo de acréscimo. Lembrou-se de que tinha um gol pra fazer e pediu a bola no meio do campo. Ela não veio como ele esperava, molhada e veloz, quase escapou dos seus pés. Um toque de leve e ela rolou mansinho a sua frente. Um volante veio de carrinho pra mostrar que era raçudo; levantou as travas da chuteira, uma cavadinha no chão fez a pelota subir e o adversário ficar pra trás. Os seus companheiros de ataque imploravam pela bola. Fominha, o veterano seguia sem atender as preces. Foi lindo. Quase mágico. Ver a bola fazer um zigue-zague na frente do zagueiro com o elástico aplicado pelo dez. O velho torcedor havia esquecido o passado, seus olhos vidravam o presente. Arquibancadas caladas. O drible bem aplicado o levou a área adversária, porém em uma posição vertical, com o goleiro frente a frente fechando o ângulo. Já havia marcado gols com aquela dificuldade. Ia chutar. A bola entraria e outra vez seria lembrado. A perna voltou a doer. A sua direita um companheiro pedia livre de marcação. Chutar ou tocar? Tocou. De direita o jogador que havia entrado na partida a pouco mandou sem piedade para o fundo das redes, consagrando-se. O apito logo soou. Repórteres em campo se espremiavam em volta de jogadores, torcedores e comissão técnica que louvavam o autor do gol milagroso. A torcida gritava o nome do novo ídolo.

Fora dos holofotes, o veterano descia os meões. As câimbras já conhecidas chegaram as suas pernas. Olhou em volta. Lembrou da jogada e soube que um surto de gênio havia acontecido, só um surto. Na arquibancada, o saudoso torcedor o encarava novamente, mas desta vez um sorriso de gratidão ruborizava suas faces.

O veterano desceu os túneis pensando: da pra continuar, pelo menos por mais uns tempos.

## **O velho Narça**

Só um dia sem beber. O sol da manhã o acordou. A barba por fazer incomodava. Olhos remelentos na cara cheia de rugas. Cabelos já grisalhos por cortar. Acendeu um cigarro. A barriga inchada de cerveja apertava a velha bermuda na cintura. Sentia-se sufocado naquele quartinho. Resolveu sair. Descendo a rua, o boteco de sempre o esperava. Procurou sua mesa, mas estava ocupada. Sentou em uma próxima. Enferrujada rangeu feio ao acomodar o peso do homem. Um rápido olá ao já conhecido proprietário. Pediu uma cachaça. O barulho do dominó batendo na mesa lá atrás perturbava. Pediu mais uma. Solitário, sua única companhia eram copos vazios e um prato de picado de procedência duvidosa. Pediu mais outra.

O cheiro de detergente barato impregnou o ambiente. Cuspiu no chão e pediu outra. Olhou para frente e se assustou ao ouvir de longe um xingamento.

Demorou um pouco para assimilar que desagradáveis gracejos, vindos de uma única voz, eram dirigidos a sua pessoa.

- Velho bebum! Vagabundo!

Desnorteado perguntou.

- Quem você pensa que é pra falar assim comigo?

- Não interessa, bêbado nojento! Continuou o insultante. Quem era você? O galã do pedaço, todo bonitão e cheio de marra. Dizendo pra quem quisesse ouvir, o futuro brilhante que o aguardava. Se sentia o centro do mundo nas conversas. Agora ta aí, sozinho, feio, sem vida! O seu passado é o avesso do presente!

Uma gargalhada fez o som das batidas das pedras do dominó sumirem e trouxe os olhares dos presentes no recinto ao velho, encerrando o discurso esculhambatório do algoz.

O velho, com um palito na boca. Suando frio. Uma angústia a consumi-lo. A garganta secou e a voz não saiu.

Fechou a mão no copo e o lançou. Espatifou-se direto naquele que o dirigiu as ofensas. Nem esperou para ver o resultado. O derrubar de cadeiras e mesas abafaram o som dos vidros quebrados. Saiu sem pagar. Resolveu ir para casa, mas não sem antes passar no mercado e tomar uma gelada.

No bar, o dono agachado no chão juntava os restos do espelho novo, comprado um dia antes, quebrado pelo copo arremessado do Velho Narciso. Velho Narça para os mais íntimos.

## **Amarelinha**

O vento batia em seu rosto. Dali podia ver a árvore que subia quando criança. Era lá que os meninos faziam fila para vê-la levantar a saia e mostrar a calcinha. Foi na mesma árvore que o primeiro beijo aconteceu. Já não lembrava o nome do menino. De onde estava era fácil avistar a padaria Sonhos onde se comprava o pão da sua casa e as guloseimas que tanto a encantavam em um passado não tão distante. Um clima estranho, não chovia nem fazia sol, era um nublado abafado. Olhou o ponto de ônibus onde há alguns meses esperava ansiosa o transporte que a levaria ao primeiro dia de aula na faculdade. Ouviu um sino, era o da Igreja ou seria o homem do picolé? Aquela posição em que se encontrava dificultava a percepção dos sons. Salto: movimento com que um homem ou um animal se eleva do solo ou do lugar onde se encontra, para vencer um espaço ou obstáculo; pulo: movimento rápido com elevação, acima de uma superfície por efeito de queda ou reflexão. Não importa a definição. As guloseimas da padaria Sonhos já haviam sido trocadas por outras, os sonhos agora eram substituídos por viagens transcendentais para mundos nunca visitados. As passagens eram comprimidos coloridos, pós brilhantes milagrosos ou cigarrinhos maravilhas da paz. Um pó branco deslocou-se das entradas da sua narina quando de um salto ou um pulo, como preferir, caiu do trigésimo e pouco andar para se jogar no mesmo asfalto em que um dia brincou de amarelinha, riscando o chão com caco de telha em um passado feliz.

## **Juventude de honra**

Chovia. Meus olhos ardiavam. O coração acelerava. A voz não saía. Meus ouvidos doíam. Minhas pernas não me obedeciam e minhas mãos não conseguiam segurar direito a metralhadora que disparava a esmo na direção do bar "Me chame para dançar", em cujo muro estavam enfileirados amigos e conhecidos meus que tinham desertado. Minha ingenuidade já havia ido embora há tempos, agora era minha insanidade. Berlim, inverno de 1943.

## O último verão

Que verão! Acho que fazia uns 39 graus em Miami. O sol estava tão quente que mal conseguia distinguir se estava perto ou não da minha hora. Tinha 18 anos e o último lugar que gostaria de estar era ali. Garotos ao meu lado conversavam eufóricos sobre a experiência que estavam prestes a viver, mas, na minha mente esta era uma situação totalmente deprimente. Pensava o tempo todo: "meu Deus faça com que eu seja dispensado".

-- Está quente não? - Um rapaz um pouco mais novo do que eu perguntou puxando conversa.

-- É, esta quente!

-- Ansioso?

-- Não. Quero mesmo é ser dispensado - respondi.

-- Eu não, - disse ele - sou negro e já fui dispensado para muita coisa. Amigo, não o conheço para dar conselho, mas vamos precisar de toda ajuda possível se quisermos ganhar esta guerra.

Fiquei calado. Quem aquele negro achava que era para me dizer o que fazer. Depois respondi balançando a cabeça afirmativamente para encerrar o assunto.

Funcionou, ele calou-se. O sol baixou e percebi que faltavam poucos na fila para que eu fosse atendido. Ao fundo tocava uma canção que lembrava minha infância, no chalé do meu tio.

Chegou a vez do negro ser atendido. Ele estava na minha frente. Um oficial alto e careca entregou sua documentação e falou:

- Sinto muito, você não foi aprovado nos exames ópticos. Mas eu particularmente já o teria reprovado pela cor.

Um sorriso amarelo surgiu da boca torta do oficial e a lágrima que brotou dos olhos do negro refletiram diretamente em mim. Foi como um soco no estômago, só que, a minha consciência é quem sentia o golpe: uma dor dilacerante. Era contra atos como aquele que o negro estava querendo lutar.

Sua cabeça baixa, seus olhos vermelhos, o ar de riso dos outros rapazes fizeram-me sentir nojo de mim e, principalmente, da minha cor.

Embarquei para a Europa em Setembro de 1942. Algo que nunca esqueci na vida foi a estranha sensação de satisfação quando o oficial me informou:

- Apto para o combate!

.....

\***Thiago Xavier** é publicitário e tem Especialização em Criação Publicitária/IESP.